

RESISTÊNCIA CAMPONESA NA AMAZÔNIA BRASILEIRA: O CASO DO ASSENTAMENTO VANESSA EM CORUMBIARA — RO

[\[ver artigo online\]](#)

Danilo Paranhos Batista¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo descrever a produção do espaço de resistência camponesa no assentamento da reforma agrária denominada de Vanessa, no município de Corumbiara, Estado de Rondônia, território onde foram assentados os camponeses sobreviventes do trágico evento conhecido como “Massacre de Corumbiara” no ano de 1995. Na Amazônia brasileira, os camponeses, mesmo representando um fragmento significativo da produção de vários gêneros alimentícios no Estado de Rondônia, historicamente, enfrentam o descaso do poder público e defrontam-se com os impactos da expansão do agronegócio e sua elite agrária. Deste modo, descreve-se aqui como a produção de leite pelos camponeses se tornou um elemento de resistência e pertencimento na terra conquistada. A metodologia segue a linha quantitativa apresentando dados em números e qualitativa através de análise de questionários aplicados, sendo empregado o método pesquisa direta. Os sujeitos da pesquisa são os camponeses residentes no Assentamento Vanessa. De acordo com a pesquisa, mesmo com os conflitos produzidos pelo processo de expansão do agronegócio, resultando no esvaziamento territorial no Assentamento Vanessa, pode-se inferir que aproximadamente 80% dos assentados que criam gados leiteiros desejam permanecer em seu território, pois, não consideram somente um espaço de produção econômica, mas de pertencimento, de vida e reprodução social.

Palavras-chave: Assentamento, Resistência camponesa, Corumbiara.

1 Professor de Geografia, Escola Estadual de Ensino Fundamental Floriano Peixoto, Secretaria de Estado da Educação, Rondônia. E-mail: paranhosbatista@gmail.com.



PEASANT RESISTANCE IN THE BRAZILIAN AMAZON: THE CASE OF THE VANESSA SETTLEMENT IN CORUMBIARA — RO

ABSTRACT

This article aims to describe the production of the space of peasant resistance in the agrarian reform settlement called Vanessa, in the municipality of Corumbiara, State of Rondônia, a territory where the peasants who survived the tragic event known as the "Massacre of Corumbiara" in the state of Rondônia were settled. year 1995. In the Brazilian Amazon, peasants, even representing a significant fragment of the production of various foodstuffs in the State of Rondônia, historically, face the negligence of the public power and face the impacts of the expansion of agribusiness and its agrarian elite. Thus, it is described here how the production of milk by the peasants became an element of resistance and belonging in the conquered land. The methodology follows the quantitative line presenting data in numbers and qualitative through the analysis of applied questionnaires, using the direct research method. The subjects of the research are the peasants residing in the Vanessa Settlement. According to the research, even with the conflicts produced by the agribusiness expansion process, resulting in the territorial emptying in the Vanessa Settlement, it can be inferred that approximately 80% of the settlers who raise dairy cattle wish to remain in their territory, because they do not consider only a space of economic production, but of belonging, of life and social reproduction.

Keywords: Settlement, Peasant Resistance, Corumbiara.

INTRODUÇÃO

Na década de 1970, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), implantou ainda no Território Federal de Rondônia, vários projetos de colonização visando ocupar a fronteira e mitigar conflitos relativos à luta por terras em outras regiões brasileiras. Sendo assim, Rondônia se tornou um bom lugar para sanar parte dessas demandas.

De acordo com Silva (2012), foi implantado projetos de colonização em Rondônia no período de 1979 e 1980. No seu plano de ação, os projetos constituíram cerca de 2,6 milhões de hectares, sendo 1.795.521 hectares (68%) destinados aos camponeses. A implementação destes programas formou uma nova configuração social e territorial no espaço geográfico rondoniense, chegando a representar cerca de 80% dos estabelecimentos rurais.

Silva (2012) ainda afirma que o Governo Federal, por meio destas ações, produziu políticas públicas diretas de colonização no espaço do campesinato de Rondônia para implementar novas relações econômicas produtivas de desenvolvimento, inserindo elementos denominados de: “sociabilidade capitalista à floresta”.

Considerando essas transformações ocorridas em Rondônia, a agricultura da região se tornou estreitamente ligada à produção camponesa, estabelecidas especificamente nos assentamentos da reforma agrária, que segundo Wanderley (2014, p. 60) representa:

[...] uma forma social de produção, cujos fundamentos se encontram no caráter familiar, tanto dos objetivos da atividade produtiva – voltados para as necessidades da família – quanto do modo de organização do trabalho, que supõe a cooperação entre os seus membros. A ele corresponde, portanto, uma forma de viver e de trabalhar no campo que, mais do que uma simples forma de produzir, corresponde a um modo de vida e a uma cultura.

O município brasileiro de Corumbiara, Estado de Rondônia, segundo o IBGE (2013), se localiza na mesorregião do Leste Rondoniense e Microrregião de Colorado do Oeste – região popularmente conhecida como: “Cone sul”. Seu bioma é o amazônico e está a uma latitude de 12°59’55” Sul e longitude de 60°56’37” Oeste. Sua população estimada é de cerca de 8.783 habitantes, sendo 2.590 na área urbana e 6.193 na zona rural, distribuída em uma extensão territorial de cerca de 3.060,321 km².

Araújo et. al. (2018), destaca que a área rural do município é formada pela presença de muitos conjuntos de unidades agrícolas da reforma agrária do Instituto Nacional de

Colonização e Reforma Agrária (INCRA), em destaque os assentamentos: Guarajus, Vanessa, Adriana e Verde Seringal, que corresponde a um número considerável de habitantes na zona rural somando a sua extensão territorial.

Nos últimos anos, ocorreram em Corumbiara a expansão do agronegócio provindo de influências econômicas do Estado de Mato Grosso. Com o relevo compatível com o processo produtivo implantado, intensificou-se a produção de milho e soja. No entanto, para se produzir em grande escala, foi necessário a aquisição de grandes porções de áreas rurais, grande parte delas de pequenos proprietários da agricultura familiar, formando grandes latifúndios.

Conforme o censo agropecuário do IBGE (2006), os conjuntos de unidades agrícolas da reforma agrária de Corumbiara contavam com 4.406 trabalhadores ocupados na agricultura familiar, predominando a criação de gado de leite, gado de corte e produção urucum. Todavia, muitos agricultores que produziam o urucum deixaram de desenvolver a atividade devido à falta de compradores e com a expansão do agronegócio no município, muitos venderam suas propriedades e/ou arrendaram seus lotes para produção de milho e soja.

É perceptível visualizar grandes extensões de áreas rurais em antigas propriedades da agricultura familiar sendo utilizados por latifundiários, ocorrências que tem afetado principalmente os assentamentos da reforma agrária, caracterizando-se como processo de desterritorialização, produzindo peculiaridades como a redução do número de moradores rurais, a perda da identidade campesina, o fechamento de escolas do campo – por falta de público – e a transição de pessoas do campo para cidade.

Na maior parte dos casos, os camponeses têm de assumir dupla função na produção do espaço geográfico, sendo a garantia de qualidade de vida para suas famílias e o fornecimento de gêneros alimentícios para a crescente demanda provindo dos centros urbanos.

Diante do disposto, este trabalho trouxe como objetivo a investigação dos modos, processos e particularidades que fazem com que os camponeses do Assentamento Vanessa permaneçam na terra e resistam a um cenário nacional de abandono dos assentamentos rurais da reforma agrária.

Conhecer a dinâmica do cotidiano de uma sociedade implica em relacionar-se com fenômenos das relações sociais e econômicas cuja análise possibilita reflexões do

conhecimento do dia a dia na construção das relações sociais bem como a capacidade do indivíduo se reinventar apesar das adversidades socioeconômicas.

Em consideração a isso, distingue-se que o cotidiano corumbiareense está marcado pelo processo de interações das estruturas habituais, que são consequências da introdução de modos de vida externos e novos padrões de consumo, mesmo que a economia no campo ainda esteja diretamente ligada aos recursos naturais, com a lida da agricultura familiar e pecuária.

1 MATERIAL E MÉTODOS

O método de estudo utilizado na produção deste artigo é a pesquisa direta. O uso desta metodologia de pesquisa procura compreender e especializar as características da produção do espaço camponês no Assentamento Vanessa por meio de levantamento de dados no próprio local através de pesquisa de campo, permeando com consultas bibliográficas sobre o tema em questão.

A área de estudo é no Projeto de Assentamento Vanessa no município de Corumbiara – RO, a cerca de 840 km da capital rondoniense Porto Velho, na região conhecida popularmente como “Cone Sul” de Rondônia.

Desenvolveu-se o levantamento de informações por meio de questionários com famílias residentes no Assentamento Vanessa, sendo parte, moradores remanescentes do “Massacre de Corumbiara”, ocorrido no ano de 1995, ao qual a Polícia Militar de Rondônia e milícias organizadas por fazendeiros locais entraram em conflito com trabalhadores Sem-Terra acampados na Fazenda Santa Elina – município de Corumbiara.

Os procedimentos metodológicos foram desenvolvidos em duas etapas, a primeira parte se deu com revisão bibliográfica através de consulta de dados e informações na base do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), Ministério do Desenvolvimento Social (MDS), Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), Portal dos Núcleos de Extensão em Desenvolvimento Territorial Sustentável (Portal dos NEDETs), Agência de Defesa Sanitária e Agrossilvopstoril do Estado de Rondônia (IDARON) e Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Rondônia (EMATER).

No segundo momento do trabalho, foi realizada coleta de dados por meio de pesquisa de campo, ocorrendo visita aos moradores camponeses residentes no Assentamento Vanessa

entre os dias 05, 06, 07 e 08 de janeiro de 2022. Sendo aplicado 37 questionários referente as questões produtivas, de comercialização, assistências do poder público e de perspectivas. Os questionários foram respondidos pelos sujeitos considerados representantes familiares que se colocaram à disposição no momento da realização do estudo.

Em relação ao número de indivíduos, foi objetivado a aplicação do questionário em todas as famílias residentes no Assentamento Vanessa, totalizando segundo EMATER (2021) 70 famílias, entretanto, algumas famílias não foram localizadas, ou não estavam mais residindo na localidade no período de realização do levantamento de dados.

2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com Martins et. al. (2004), Rondônia apresentou um fenômeno singular, diferente de outros processos migratórios no Brasil, ou seja, em sua ocupação territorial, recebeu famílias inteiras, fato ocorrido a partir de 1970 em função do incentivo do Governo Federal dispendo de ocupar a fronteira amazônica e aliviar as tensões por terras além de manter a soberania territorial brasileira.

O Projeto Assentamento Vanessa, segundo EMATER (2021), foi criado no ano de 1995 pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), e seu programa estabelecia a ocupação territorial de uma área no município de Corumbiara, atendendo 125 famílias através de unidades agrícolas. Entretanto, 27 anos após a sua criação, o assentamento conta atualmente com somente 70 famílias registradas.

Muitos moradores da Vanessa deixaram de trabalhar em suas terras, buscando emprego em fazendas do município, ou seja, as suas propriedades rurais passaram-se a ter a função e o sentido como territórios dormitórios, onde os trabalhadores só dispõem de suas moradias para dormir ou passar os finais de semana.

Isso posto resulta na redução dos processos produtivos do campesinato, que consequentemente transforma a produção econômica no município de Corumbiara, sendo visível no cotidiano de seus habitantes, a exemplos: a principal feira dos agricultores foi desativada; o comércio foi afetado pela diminuição de consumidores; o encerramento das atividades da agência do Banco do Brasil; contenção de investimentos em saúde e lazer por

baixa arrecadação; e centralização de unidades de ensino devido ao fechamento de escolas do campo.

Perante o exposto, foi verificado a ocorrência do processo de desterritorialização no Assentamento Vanessa, que segundo Oliveira (2011, p. 26) “implica na deslocação do indivíduo que sofreu um processo de desterritorialização.” Tal efeito pode indicar o fim do campesinato nesta localidade, pois os sujeitos envolvidos neste processo estão em uma condição socialmente vulnerável e se reterritorializar é uma ação necessária para que o camponês possa viver/sobreviver e reproduzir a sua identidade.



Figura 1 – Resultado do processo de desterritorialização no Assentamento Vanessa, casa abandonada em meio a expansão do agronegócio. 2022. Fonte: Danilo Paranhos Batista (2022).

Segundo Leite (2001), são observados no Brasil o fim do campesinato, onde os camponeses perdem parte ou total de suas posses, precisando se desterritorializar, por consequência, se reterritorializa em espaços urbanos para conseguir sobreviver. Contudo, a falta de disponibilidade de capital para investimentos faz com que os camponeses sofram discriminação, sendo estigmatizados como retrógrados, porém, para Silva (2009), os camponeses não são compreendidos, pois sua essência se caracteriza no trabalho e gestão familiar.

Em relação à pesquisa de campo, foi aplicado um questionário com 37 camponeses, distribuindo-se quanto ao gênero, foi de 15 homens e 22 mulheres. Observa-se inicialmente que provavelmente essa significativa participação feminina pode apresentar duas possíveis

indicações, a primeira, que a mulheres estão participando mais ativamente no trabalho, vida social e/ou representante familiar; a segunda, que os homens e/ou maridos não estavam presentes em casa no momento da aplicação do questionário pois estavam trabalhando fora de sua propriedade, considerando que boa parte dos chefes de família trabalham nas fazendas fora do Assentamento Vanessa.

Foi observado muitas residências/propriedades em condições de abandono (Figura 2), outras fechadas, onde seus residentes trabalham em fazendas próximas ao assentamento e aos finais de semana retornam para casa, Camarano et. al. (1999, p.15) afirmam que “o envelhecimento e a masculinização do meio rural são talvez a expressão mais flagrante de seu declínio”.



Figura 2 – Propriedade em condições de abandono no Assentamento Vanessa. 2022. Fonte: Danilo Paranhos Batista (2022).

Segundo o conceito de classificação de População Economicamente Ativa (PEA), os camponeses residentes no Assentamento Vanessa se enquadram em três classificações etárias: Jovens - Indivíduos de até 19 anos; Adultos - Indivíduos com idade entre 20 até 59 anos; e Idosos - Indivíduos de 60 anos em diante.

Considerando esta classificação, podemos inferir que o maior número de respondentes encontram-se na faixa etária de adultos (19 pessoas), mas também se destaca a faixa estaria de idosos (11 pessoas) e por último os agricultores jovens (07 pessoas), sendo todos nesta faixa etária com idade entre 18 e 19 anos.

Diante disso, observou-se que a grande maioria se encontra em idade produtiva, sendo um percentual expressivo de famílias relativamente jovens (Tabela 1), este resultado permite uma análise reflexiva quanto a dinâmica produtiva dos assentamentos, pois segundo Sant’ana (2003), conforme a idade avança, os processos econômicos produzidos pelas famílias de camponeses também mudam e/ou se modificam, que pode indicar modos de resistência camponesa a fim de permanecer na terra.

Tabela 01 – Faixa etária dos camponeses residentes no Assentamento Vanessa.

Classificação segundo População Economicamente Ativa (PEA):	Faixa etária segundo o PEA:	Faixa etária dos camponeses
Jovens (0 a 19 anos)	0 – 4 anos	
	5 – 9 anos	
	10 – 14 anos	
	15 – 19 anos	7
Adultos (20 a 59 anos)	20 – 24 anos	2
	25 – 29 anos	1
	30 – 34 anos	3
	35 – 39 anos	2
	40 – 44 anos	
	45 – 49 anos	3
	50 – 54 anos	2
Idosos (60 anos em diante)	55 – 59 anos	8
	60 – 64 anos	4
	65 – 69 anos	1
	70 anos e mais	6

Fonte: Pesquisa direta, janeiro de 2022. Elaboração: Danilo Paranhos Batista.

Mesmo em circunstâncias desfavoráveis em relação a permanência na terra, Sant’Ana (2003) afirma que existem muitos fatores que motivam os camponeses a se desterritorializarem de seu espaço vivido, mas antes disso, o camponês tenta resistir, buscando criar, recriar, reinventar estratégias para permanecer na terra. Sant’Ana (2003, p. 194) considera que:

As estratégias formam uma rede de relações complexas, cambiantes e às vezes aparentemente contraditórias. Para se obter a compreensão dos processos que engendram, devem ser analisadas em conjunto, mas para essa análise se tornar possível é necessário entender os detalhes de cada uma das estratégias em situações reais de trabalho e de vida.

Perante o exposto, Sant’Ana (2003) classifica as estratégias dos camponeses em quatro categorias: fundiárias/patrimoniais; produção/comercialização; cooperação/organização; e cooperação/organização. Neste sentido, este trabalho será desenvolvido empregando apenas a

categoria de produção, com ênfase à produção animal, considerando que é atualmente a principal atividade econômica do Assentamento Vanessa, podendo oferecer informações importantes para compreender os motivos de permanência e pertencimento dos assentados.

Rondônia atualmente, se designa por meio de slogans publicitários como o “Estado natural da pecuária”, tendo como base dados o Idaron (2019), que nas últimas informações apresentadas mostrou que o Estado possui mais de 11,5 milhões de bovinos e bubalinos (sétimo maior rebanho nacional); 17 frigoríficos, sendo responsável pelo abate de aproximadamente 2 milhões de animais; e pouco menos um bilhão de litros de leite processados por cerca de 50 laticínios.

Outro destaque apresentado pelo Idaron (2019) é, que na sua grande maioria, são das pequenas propriedades rurais os maiores quantitativos de criação de bovinos e/ou bubalinos, alternando-se na produção de carne e leite, distribuídas em aproximadamente 100.000 propriedades rurais, sendo pouco mais de 80.000 nas pequenas propriedades camponesas distribuídas em todo território rondoniense. Em síntese, é observado que a maior parte do rebanho bovino do Estado de Rondônia não se encontra nas grandes propriedades, mas nas pequenas, incluindo nos assentamentos da reforma agrária.

Entre as 37 famílias participantes, 30 são criadores bovinos, somando um total de 3.120 cabeças de gado. O número de animais é variável entre 22 e 402 cabeças por propriedade (Tabela 02). Todas as famílias criam também outros animais, como suínos, aves e caprinos, servindo em sua maioria para o consumo próprio.

Tabela 02 – Distribuição do número de cabeças de gado bovino por propriedade no Assentamento Vanessa, Corumbiara – RO.

Número de cabeças de gado bovino:	Quantidade de famílias:	Porcentagem
0 - 67	22	59%
68 - 134	9	24%
135 - 201	1	3%
202 - 268	2	5%
269 - 335	2	5%
336 - 402	1	3%
TOTAL:	37	100%

Fonte: Pesquisa direta, janeiro de 2022. Elaboração: Danilo Paranhos Batista.

Perante ao exposto, existem pontos a serem analisados que induzem o camponês a optar pela criação de bovinos ao invés de outras atividades, como o valor comercial, o espaço da propriedade (ou a falta dele), as normas e exigências técnicas de produção de outras culturas

como o milho e soja e o escoamento de determinados gêneros produzidos, faz com que o pequeno produtor do Assentamento Vanessa opte pela criação de gado, escolhendo o leite como principal atividade econômica, pois encontram facilidade na comercialização nos laticínios locais, localizados nos municípios rondonienses de Corumbiara e Cerejeiras.

De fato, a permanência e a territorialização dos camponeses estão diretamente ligadas à produção, comercialização e renda das suas famílias. Para o camponês, sobreviver nestas condições torna-se penoso, pois é necessário realizar toda uma reestruturação espacial a fim de inserir métodos e equipamentos para a produção e o principal, que o território seja produtivo, Silveira (1998, p 103) acrescenta afirmando que:

[...] os assentamentos, depois de longas lutas pela conquista da terra, também se deparam hoje com o problema da busca da consolidação econômica. Como eles não escapam a aquela lógica de expropriação, busca, dentro dela, alternativa de sobrevivência que combinam diversos graus de adoção de tecnologias “modernas”.

Visto aos fatos aqui apresentados e a contribuição de Silveira (1998), podemos refletir sobre as dificuldades apresentadas pelas famílias camponesas de ter que sobreviver e buscar uma consolidação econômica em um mercado que é muito competitivo e burocrático, oferecendo pouca estrutura e valorização aos camponeses.

Contudo, se não houver variáveis favoráveis aos produtores, podem ocorrer maiores possibilidades do abandono de suas terras, sejam de modo ilegal através de contratos de compra e venda em documentos legais emitidos pelo (INCRA), troca da terra por veículos, arrendamento da terra aos grandes latifundiários, entre outros fatores. Cruz et. al (2011) produziu um estudo sobre as dificuldades dos assentados em resistirem à terra a qual caracteriza na citação a seguir:

As dificuldades enfrentadas pelos assentados pouco são relatadas nos discursos do Governo, nem tampouco é apresentada, nitidamente, nos números dos censos e pesquisas relacionadas à reforma agrária, encomendadas pelo Estado. Em algumas pesquisas sobre assentamentos de Reforma Agrária, como as de Fabrini (2003), de Ferreira Neto (2000), de Zimmermann (1994) e de Bergamasco (1994), apesar de tratarem dos aspectos da organização camponesa e coletiva nos assentamentos, não são apresentadas análises sobre os motivos pelos quais as famílias assentadas comercializam a posse do lote conquistado ou o abandonam em busca de outras perspectivas de sobrevivência.

Na Figura 03, são observadas as principais dificuldades de produção e comercialização enfrentadas pelos camponeses do Assentamento Vanessa, podendo resultar no processo de desterritorialização de suas propriedades e a perda do sentimento de pertencimento ao lugar vivido.

Figura 03 – Distribuição do número (frequência) e percentual dos camponeses pesquisados em função das dificuldades encontradas na produção no Assentamento Vanessa, Corumbiara – RO.

Fatores que dificultam a produção:	Frequência nas respostas:	% dos produtores
Insuficiência de recursos financeiros	28	75,68%
Precariedade das estradas	24	64,86%
Pragas e doenças	23	62,16%
Contaminação de suas propriedades por agrotóxicos provindos de grandes latifúndios ao redor de suas terras	19	51,35%
Mudanças nas estações chuvosas	10	27,03%
Pouca assistência técnica de órgãos especializados	10	27,03%
Dificuldade de comercialização	4	10,81%
Instabilidade energética	3	8,11%
Degradação e enfraquecimento do solo	2	5,41%
Excesso de água/inundação	1	2,70%
Falta de acesso a água	1	2,70%
Não soube responder	1	2,70%

Fonte: Pesquisa direta, janeiro de 2022. Elaboração: Danilo Paranhos Batista.

No levantamento realizado conforme Tabela 03, houve quatro fatores que dificultavam a produção dos camponeses, sendo: Insuficiência de recursos financeiros; Precariedade das estradas; Pragas e doenças; e Contaminação de suas propriedades por agrotóxicos provindos de grandes latifúndios ao redor de suas terras. Todos os fatores citados representavam mais de 50% das respostas do pesquisados.

A grande maioria, cerca de 75,68% dos assentados, reclamam da insuficiência de recursos financeiros, sendo relato pelos pesquisados as dificuldades burocráticas e falta de informações para adquirir financiamento, como também dos altos custos na criação dos bovinos, que incluem a compra de medicamentos, sal, insumos, manutenção de pasto e compra de animais.

Quanto a precariedade das estradas, 64,86% dos camponeses relataram que as estradas sempre estão precárias e abandonadas, onde os caminhões resfriadores de leite se arriscam para conseguir coletar o leite produzido pelos camponeses, além de dificultar o acesso no assentamento, principalmente no período das chuvas – entre outubro a março. Recentemente,

a principal ponte que dá acesso ao Assentamento Vanessa, Figura 3, que estava impossibilitada de trafegar passou por reforma permitindo e facilitando o acesso dos moradores.

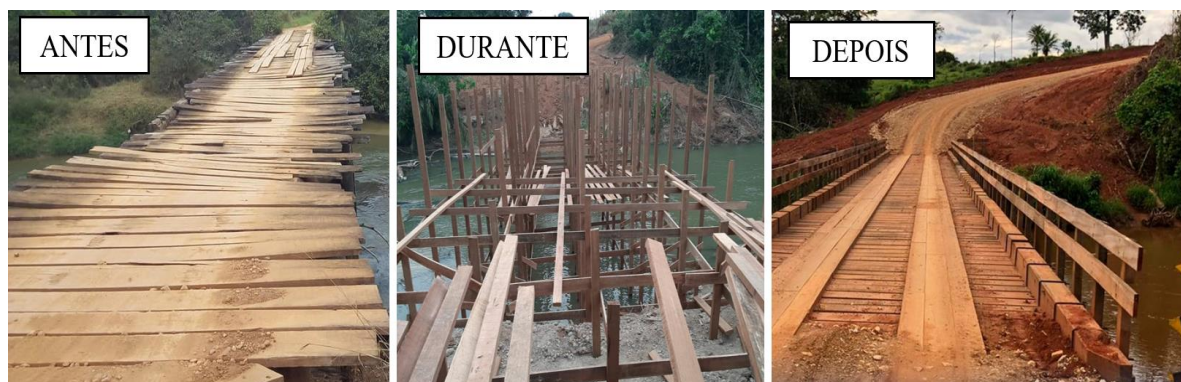


Figura 3 - Reforma da ponte sobre o Rio Corumbiara no Assentamento Vanessa, 2022. Fonte: Danilo Paranhos Batista (2022).

Nos períodos de chuvas intensas, muitas estradas do Assentamento Vanessa ficam inacessíveis ou são danificadas pelas águas das chuvas, Figura 4, colocando em risco a vida dos camponeses e prejudicando a produção econômica.



Figura 4 – Estrada 4º Eixo do Assentamento Vanessa, 2022. Fonte: Danilo Paranhos Batista (2022).

Outros fatores adversos citados pelos assentados e que afetam a produção referem-se às pragas, doenças e contaminação de suas propriedades por agrotóxicos provindos de grandes latifúndios ao redor de suas terras, que devido ao pouco acesso a assistência técnica, resulta em prejuízos aos camponeses em relação às várias culturas agrícolas, fazendo com que os agricultores optem pela pecuária leiteira.

Similarmente, foi relatado durante a pesquisa que muitas fazendas de produção de soja e milho que ficam próximas ou ao redor do assentamento (Figura 5), contaminam suas propriedades, principalmente, com inseticidas, prejudicando a saúde de suas famílias e dos animais. Muitas famílias que experienciaram o avanço do agronegócio sobre as áreas de produção de gado bovino, não sabem superar este desafio, acreditando que não existe solução para as problemáticas causadas pela contaminação do cultivo por agrotóxicos.



Figura 5 – Ocupação de fazendas do agronegócio próximo ao Assentamento Vanessa, 2022. Fonte: Danilo Paranhos Batista (2022).

Para os camponeses, a preferência pelo gado leiteiro se deu devido a procura por parte de laticínios locais – nos municípios de Corumbiara e Cerejeiras – que proporcionariam uma renda contínua e estável aos assentados. Mesmo com a venda garantida, a produção diária é pequena, variando a quantidade de produção de leite entre os períodos de seca e de chuva, não ultrapassando em sua grande maioria os 60 litros por dia; embora quatros agricultores superem a produção de 120 litros ao dia.

Muitos assentados ao serem questionados se pretendiam ou não mudar sua forma de produção, relataram interesse em realizar mudanças no modo de produzir, principalmente desenvolver ações que possam melhorar o seu rebanho bovino, investindo em melhoramento genético e reforma do pasto, Tabela 04.

Tabela 04 – Principais mudanças pretendidas em relação à produção pelos camponeses do Assentamento Vanessa, Corumbiara – RO.

O que pretendem modificar na produção:	Frequência nas respostas:	% dos produtores
Reformar o pasto	23	62,16%
Aumentar o rebanho	13	35,14%
Aumentar o tamanho de sua propriedade	11	29,73%
Melhoramento genético	4	10,81%

Piqueteamento	3	8,11%
Equipamentos de irrigação	2	5,41%
Ampliação de plantio de urucum	2	5,41%
Criação de peixes	1	2,70%
Não soube responder	1	2,70%

Fonte: Pesquisa direta, janeiro de 2022. Elaboração: Danilo Paranhos Batista.

Diante dos resultados da Tabela 03 e em comparação com a Tabela 04, verifica-se que 75,68% dos participantes relataram que a insuficiência de recursos financeiros é uma condição que dificulta as mudanças em relação a produção. Diante disso, segundo os camponeses, a única forma de realizarem essas melhores no espaço produtivo seria através dos programas de financiamento e crédito rural disponibilizado pelo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), Tabela 05.

Os camponeses do Assentamento Vanessa evidenciaram que possuem muita experiência na produção de gado bovino, mas pouca assessoria de órgãos e/ou entidades, e por consequência, pensam na possibilidade de descontinuar essa atividade econômica. Os financiamentos e créditos rurais são oferecidos, entretanto, os produtores não recebem a devida orientação, não sabendo em alguns casos as formas e processos para acessar o benefício.

Com a insuficiência de assessoramento, ocorre entre os campesinos hesitações e inseguranças, sucedendo desinteresses quanto a busca por crédito, resultando no receio de não poder pagar, como também, não atender os requisitos burocráticos ou restrição bancárias.

Tabela 05 – Análise de acesso ao crédito financeiro pelos assentados e as dificuldades encontradas para obter financiamento.

Possui ou não financiamento e crédito rural:	Quantidade de moradores:
Sim	12
Não	11
Não tem interesse	9
Não atende os requisitos	2
Não, medo de não conseguir pagar	2
Não, restrição bancária	1
Total:	37

Fonte: Pesquisa direta, janeiro de 2022. Elaboração: Danilo Paranhos Batista.

De acordo com as respostas dos pesquisados, 12 camponeses afirmaram dispor de financiamentos ativos por meio do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar, mediante as instituições financeiras: Banco da Amazônia, Sistema de Crédito

Cooperativo (SICRED), Sistema de Crédito Cooperativo do Brasil (SICOOB), Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal.

Os créditos financeiros segundo a Tabela 06, variaram de acordo com a necessidade de cada família na administração de sua atividade econômica, sendo a compra de gado a principal finalidade para solicitação dos recursos de crédito, visto que o leite se tornou o principal produto para os camponeses, oferecendo a maior parte da renda das famílias.

Tabela 06 – Média de valores dos financiamentos ativos dos assentados.

Média de valores dos financiamentos:	Quantidade de produtores:
Mais de 80 mil	1
De 51 a 80 mil	2
De 21 a 50 mil	7
Até 20 mil	2
Total:	12

Fonte: Pesquisa direta, janeiro de 2022. Elaboração: Danilo Paranhos Batista.

Por fim, ao serem perguntados sobre as suas expectativas de permanência no Assentamento Vanessa, cerca de 29 camponeses afirmaram que pretendem permanecer na terra, número acima da média de pesquisados (37 no total), não trocando suas atuais moradias para ir para a cidade, argumentando que o campo ainda é mais tranquilo e suficiente para prover o sustento de sua família, mesmo apontando também as dificuldades de viver/sobreviver no campo, onde a influência expansionista dos grandes latifúndios é presente sobre as terras do Assentamento Vanessa, por meio de oferta de arrendamento para desenvolvimento do agronegócio.

Quanto a questão de sucessão familiar, os camponeses chefes de família relataram que temem em perder a sua propriedade no futuro e principalmente, que toda a identidade construída e estabelecida sobre o território do Assentamento Vanessa seja esquecida, pois segundo os 37 participantes, 64,86% informaram que seus filhos não pretendem ou não tem interesses de permanecer na terra, em contrapartida, 35,14% querem permanecer na terra, Tabela 07.

Tabela 07 – Sucessão familiar e o desejo dos filhos em permanecer na terra no Assentamento Vanessa, Corumbiara – RO.

Pretendem permanecer na terra?	Frequência nas respostas:	Porcentagem:
Não pretendem permanecer na terra	24	64,86%
Alguns pretendem outros não	22	59,46%
Querem permanecer na terra	13	35,14%
Os filhos já saíram da terra	9	24,32%

Não possuem filhos	2	5,41%
Saíram da terra e não pretendem voltar	5	13,51%
Saíram da terra, mas pretendem voltar	1	2,70%
Não soube responder	3	8,11%

Fonte: Pesquisa direta, janeiro de 2022. Elaboração: Danilo Paranhos Batista.

Sete pesquisadores afirmaram que não querem permanecer na terra, aguardando somente uma oportunidade para deixar o campo, entretanto, foi percebido que se houvesse maior presença do poder público e assistência para as famílias camponesas, porventura, poderiam mudar essa perspectiva, pois existe ainda um sentimento de pertencimento, visto ao uso dos espaços e lugares, produzindo/reproduzindo sentido de vida.

Segundo Carlos (2004, p.51), “é através de seu corpo e de seus sentidos que o homem constrói e usa os lugares (...), e neste processo vão se identificando nos lugares da vida, marcando/apoiando a relação com o outro”. Fazer a leitura do lugar é conhecer a história que tem por trás da vivência dos moradores de Corumbiara, é buscar explicações através da investigação e da vida cotidiana.

Podemos observar e distinguir aspectos importantes das paisagens/lugares no Assentamento Vanessa nos elementos que foram construídos pela sociedade, as transformações dos lugares desde tempos passados e as peculiaridades dos moradores que expressam as tradições e cultura. A leitura do lugar desperta o interesse descobrir e entender as mudanças que ocorreram com o passar do tempo. Entendemos que a paisagem é o resultado da construção histórica, e essa paisagem está ligada ao nosso dia a dia, desde o momento que nos apropriamos do lugar onde vivemos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os camponeses do Assentamento Vanessa guardam em suas memórias o sangrento episódio do Massacre de Corumbiara, ocorrido em 1995, episódio de luta pela terra que trouxe uma ligação muito intrínseca com o trabalho na terra, a construção da identidade campesina e sentimento de pertencimento ao espaço vivido.

Assentar-se é um ato de resistência quanto a luta pela terra. A criação do Assentamento Vanessa foi uma estratégia de adaptação para as famílias que buscavam dignidade, embora

parte dos pioneiros que ali chegaram já não residem mais no assentamento, abandonando o sonho de permanecer na terra, provavelmente, devido aos traumas passados. No entanto, outros chegaram e continuam resistindo, persistindo no desejo de permanecer no campo e lutar por ele, reafirmando sua identidade.

A pecuária, principalmente para a produção de leite, substitui atualmente outras atividades anteriormente ali exercidas. A ideia de que o leite é uma fonte segura de renda e requer pouca mão de obra tem levado cada vez mais famílias a aderirem ao movimento, pois seus filhos estão deixando o local para estudar e poucos estão dispostos a retornar à terra a trabalho. Para alguns assentados, a decisão também foi influenciada pelo envelhecimento da população e pela pressão da produção massiva de milho e soja na região.

Analisando as experiências vividas das famílias do assentamento, demonstrou-se a existência de dois grupos que se diferenciam quanto a forma da produção do espaço. No primeiro grupo, estão as famílias que querem permanecer e lutar pela terra e tem por meio da produção de leite, uma atividade econômica que assegura a sua permanência no campo. No segundo grupo, são as famílias que por diversos motivos desistiram da luta pela terra, esperando o momento que deterão de condições para deixar o campo e mudar-se para cidade.

Os camponeses no Assentamento Vanessa trabalham há mais de 25 anos para construir uma história de resistência e uma vida digna para suas famílias depois que alguns de seus familiares vivenciaram o verdadeiro massacre de 1995, é um o processo que envolve a necessidade de sustentabilidade econômica de modo a evitar o desejo de abandono, onde a reforma agrária possa ser de fato ser uma política efetiva e completa.

Portanto, no assentamento, são materializados as trajetórias e experiências de vida, formadas por estratégias de sobrevivência e principalmente, da garantia de reprodução familiar, no entanto, as inúmeras circunstâncias econômicas e políticas externas ao espaço territorial do assentamento, tem levado as famílias ao abandono e venda da posse da terra.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M. E. B. de; OLIVEIRA, G. J; de. **Espaço rural rondoniense: Perspectivas de futuro em assentamentos de reforma agrária.** Beau Bassin: **novas edições acadêmicas**, 2018. 65 p.

CARLOS, A. F. A. **O Espaço urbano: novos caminhos inscritos sobre a cidade.** São Paulo. Contexto, 2004.

AMARANO, A. A.; ABRAMOVAY, R. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos 50 anos.** Rio de Janeiro: IPEA, 1999.

CRUZ, N. N. D.; SANTOS, R. J. O desafio da permanência na terra: comercialização de posses e reprodução dos modos de vida nos assentamentos da reforma agrária do Triângulo Mineiro. **CAMPO-TERRITÓRIO: revista de geografia agrária**, v. 6, n. 11, p. 249-279, 2011. Disponível em:
<<https://seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/download/12114/10571/74379>> Acesso em 01 de jan. 2022.

EMATER, Entidade Autárquica de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Rondônia. 2021. **Demanda de Mercado potencializa cultivo de urucum em Rondônia.** Disponível em: <<http://www.emater.ro.gov.br/ematerro/2016/12/13/demanda-de-mercado-potencializa-cultivo-de-urucum-em-rondonia/>> Acesso em 01 de jan. 2022.

IDARON, Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondônia. **Relatório de Gestão.** 2019. Disponível em: <http://www.idaron.ro.gov.br/wp-content/uploads/2021/05/Relat%C3%B3rio-de-Gest%C3%A3o-IDARON-2020-12_04_2020-FINALIZADO-C%C3%B3pia.pdf>. Acesso em 09 de jan. 2022.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo agropecuário.** 2006. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ro/corumbiara/panorama>>. Acesso em 12 de jan. de 2022.

_____. **Município de Corumbiara.** 2013. Disponível em:
<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ro/corumbiara/panorama>>. Acesso em: 12 de janeiro de 2022.

LEITE, S. (org.) **Políticas públicas e agricultura no Brasil.** Porto Alegre, Editora da Universidade, 2001.

MARTINS, D.; VANALLI, S. **Migrantes.** 6 ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

OLIVEIRA, A. M. C. V. dos S. Processos de desterritorialização e filiação ao lugar: o caso da Aldeia da Luz. 2011. 171 f. **Dissertação** (mestrado em Geografia Humana, Ordenamento do Território e Desenvolvimento), Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2011. Disponível em:
<<https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/bitstream/10316/19136/1/Processos%20de%20Desterritorializa%C3%A7%C3%A3o%20e%20Filia%C3%A7%C3%A3o%20ao%20Lugar%20-%20o%20ca.pdf>> Acesso em 01 dez. 2021.

SANT'ANA, A. L. **Raízes na terra**: as estratégias dos produtores familiares de três municípios da mesorregião de São José do Rio Preto (SP). Araraquara. 246p. Tese (Sociologia) Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, 2003.

SILVA, R. G. C. (2009) Globalização e dinâmicas territoriais em Rondônia – Região Amazônica. Geograficando – **Revista de Estudos Geográficos**, v. 5, p.41-61. Disponível em: < https://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.4442/pr.4442.pdf> Acesso em 02 de jan. 2022.

SILVA, R. G. C. (2012) Das margens do rio Madeira ao interior da floresta: percursos da formação socioespacial de Rondônia (1970 – 1995). In: ALMEIDA SILVA, A.; NASCIMENTO SILVA, M. G. S.; SILVA, Ricardo Gilson d Costa. (Org.). **Colonização, território e meio ambiente em Rondônia**. Reflexões geográficas.

SILVEIRA, M. A. **Desenvolvimento Rural Sustentável em um Assentamento**: análise e intervenção participativa. Campina Grande-PB: Universidade Federal da Paraíba, Mestrados em Economia e Sociologia, ano XVII, n. 16, mar. 1998. p. 100-111. Curitiba: Editora SK, v. 1, p. 58-82, 2012.

WANDERLEY. M. N. B. **O Campesinato Brasileiro**: uma história de resistência. RERS, Piracicaba –SP, Vol. 52, Supl. 1, p. S025-S044, 2015.